

Bresser diz que Brasil quer fim da moratória

Roberto Garcia
Correspondente

NOVA IORQUE — O ministro da Fazenda, Bresser Pereira, chegou aos Estados Unidos ontem afirmando que o Brasil deseja terminar a moratória e normalizar suas relações com o mercado financeiro internacional. “A proposta que vamos fazer é positiva, muito conveniente para o Brasil e também satisfatória para os bancos. Espero que seja a base para negociações frutíferas”, disse ele ao chegar ao Hotel Intercontinental.

Bresser Pereira passou a maior parte do dia ontem numa discussão sobre a dívida latino-americana com seus colegas da Argentina, Juan Sourrouille, e do México, Gustavo Petriccioli. Ao final do encontro, os três ministros anunciaram, em nota conjunta, a criação do G-3, um grupo de consultas permanente formado pelos três países, para discutir, uma vez por semestre, “as relações econômicas e de interesse comum, especialmente no que se refere ao comércio e à dívida externa”.

Da reunião entre Bresser, Sourrouille e Petriccioli — que se iniciou no restaurante nova-iorquino Le Cirque, ao lado do Hotel Mayfair, na Park Avenue, e terminou na agência do Banco do Brasil na 5ª Avenida, no começo da noite — saiu um conjunto de pontos consensuais entre os três países quanto ao problema da dívida externa, que representa um primeiro esforço de definição de uma política comum de grandes devedores junto aos credores.

Dividida em três tópicos — Dívida Externa, Organismos Multilaterais e Comércio Exterior — a nota conjunta afirma que “medidas de ajustamento interno não são suficientes para resolver o problema da dívida” e reclama “o exercício da co-responsabilidade de devedores e credores num cenário de crescimento compartilhado”, ressaltando que a questão da dívida “tem suas raízes nos desajustamentos da economia internacional”.

Os três ministros pedem ainda a limitação da transferência líquida de recursos para o exterior, mecanismos que aumentem a automaticidade dos refinanciamentos de juros e dos desembolsos dos financiamentos já acordados e formas alternativas de crédito com juros e prazos melhores que os atuais.

Bresser, Petriccioli e Sourrouille reclamam ainda que, na fase atual, os desembolsos de novos créditos dos organismos multilaterais sejam sempre maiores do que os juros e amortizações dos países devedores, que as políticas desses países sejam orientadas para o desenvolvimento com flexibilidade e que o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento tenham seu capital aumentado.

No tocante ao comércio exterior, a nota conjunta afirma que “o serviço da dívida não é compatível com o protecionismo dos países credores” e que “os superávits comerciais necessários devem ser resultado do aumento das exportações dos países devedores e não da diminuição de suas importações”.

Nova Iorque — AP



Petriccioli (E), Bresser e Sourrouille discutiram pontos em comum sobre a dívida e decidiram manter encontros semestrais